

27

2

ALMA
NOVA
REVISTA DE RESSURCIMENTO NACIONAL



DIRECTOR ARTÍSTICO: J. SAAVEDRA MACHADO ▪ DIRECTOR LITERÁRIO: MATEUS MORENO
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CALÇADA DE JOÃO DO RIO, 8-1.º — LISBOA

ALMA NOVA

PROGRAMA: Contribuir para o ressurgimento nacional, despertando o culto das virtudes pátrias e o amor das coisas portuguesas.

DIRECTORES DE SECÇÃO:

Dr. Ascensão Mendonça (Ciências Naturais); Dr. Braga Paixão (Açores); Dr. Cláudio Basto (Minho); Eduardo Romero e Martinho da Fonseca (Pintura); Francisco Santos (Escultura); Francisco Valença (Caricatura); Jorge Segurado (Arquitectura); Tenente José Brandão (Douro); Dr. José Guerreiro Murta (Letras); Dr. José Gonçalo Santa Rita (Crónica Política e Social, e Colónias); J. Rodrigues Cosme (Teatros); Luís Chaves (Trás-os-Montes); M. A. (Modas); Dr. Maquias Pereira da Silva (Turismo); Nuno Cruz (Coimbra); Dr. Pedro Júdice e Samora Barros (Algarve); Dr. Teófilo Júnior (Pedagogia).

Representantes e Agentes nas principais cidades do País, Colónias e Brasil

Secretário: REBELO DE BETTENCOURT

III SÉRIE — N.ºs 19 e 20 — Vol. II

Julho-Agosto de 1924

:: SUMÁRIO ::

	Pág.
Eça de Queirós Revelado (com 1 fot.)	75
Educar: <i>Reforme-se o espirito da educação portuguesa</i> , — professor A. Reis Machado	76
A próxima Guerra e a Artilharia: <i>Prefácio</i> , — Mateus Moreno (com 3 ilustrações)	78
Os nossos Poetas: Salema Vaz, — M. M. (com 1 fot.)	80
<i>Destino</i> (soneto), — Salema Vaz	80
<i>Soneto</i> , — António Ferreira Monteiro	80
Arte: <i>Exposições</i> , — Saavedra Machado (com 1 escultura de João José Gomes («O Modernista»))	81
Folclore Algarvio: <i>As Mouras Encantadas</i> , — inéd. de Ataíde Oliveira	82
Terras do Algarve: <i>Silves</i> , — Pedro M. Júdice (com 3 ils.)	84
Impressões: <i>A colheita dos cereais em Trás-os-Montes</i> , — Guarany	87
Notas subsidiárias para uma Bibliografia Portuguesa da Grande Guerra (cont.), — Tenente José Brandão	88
Carta de Paris: <i>O Relógio e o Jacquemart de Dijon</i> , — Jean de Francia (com 1 ils.)	89
Crónica dos Livros, — José Guerreiro Murta e M. Silva	90
Noticiário	91

Em separata: *As Bancas — Sagres* (Algarve), quadro de Samora Barros.

Capa de Saavedra Machado.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal e Ilhas, Semestre (6 n.ºs) 8\$00; Anq (12 n.ºs)	15\$00
Colónias e Espanha (só assinaturas anuais)	20\$00
Brasil e restantes países (idem)	25\$00

NÚMERO AVULSO, 1\$50

ATENÇÃO: — Não fica prejudicado o assinante, quando circunstâncias anormais, que procuraremos no entanto evitar, demorarem a saída da revista, porque no acto de pagamento das assinaturas se fixam sempre os números a receber, que são os referentes aos períodos pelos quais as mesmas são tomadas. O número de páginas de cada fascículo é variável, não tendo porém nunca cada volume anual (de 12 números) menos de 120 páginas de texto e 12 separatas de Arte.

Propriedade e edição da Empresa Cooperativa de Arte e Publicidade "Ressurgimento,"

"A ALMA NOVA" só publica colaboração solicitada

ALMA NOVA

REVISTA DE RESURGIMENTO NACIONAL

III SÉRIE — VOL. II

LISBOA — JULHO-AGOSTO DE 1924

NÚMEROS 19-20

EÇA DE QUEIRÓS REVELADO



TEVE o mais entusiástico acolhimento da crítica o formoso voluminho «*Eça de Queirós revelado por uma ilustre senhora de sua família*» que a ALMA NOVA acaba de editar.

Dentre as várias cartas particulares recebidas, felicitando-nos pela iniciativa, destacamos com reconhecimento a do grande leista sr. Dr. J. M. de Bettencourt Ferreira, um novo que é já uma das nossas melhores promessas na carreira diplomática e que na gerência do Consulado Português de Porto-Alegre e como Encarregado de Negócios em Buenos-Aires muito se tem afirmado.

Diz-nos S. Ex.^a: «No volumezinho de D. Conceição de Melo tive o prazer de encontrar apontamentos íntimos muito interessantes, e isso basta para lhe atribuir um valor — colocá-lo entre os escritos vindos a lume sobre o grande Eça que *todos* devem possuir.



O ILUSTRE ESCRITOR COM A ESPOSA,
NO JARDIM DA SUA PITORESCA VIVENDA
DE NEULLY

Fotografia que Eça de Queirós enviou ao seu grande amigo Conde de Arnoso, com a seguinte legenda: «*Grandes ares e pequeno jardim*».

«Na nota bibliográfica que organizou para o estudo em questão, fala-se num livro tratando o nosso primoroso naturalista sob o aspecto da sua vida profissional. Estou tão convencido de que não tem base séria as afirmações dos que nos dão o Eça como um medíocre funcionário, que nem sabia onde era a sua chancelaria, que se fôsse homem de letras era eu que tentava a reabilitação, sob este ponto-de-vista, do autor do *Mandarin* e do *Primo Bazílio*.

«Não sei se o meu amigo toma qualquer parte na publicação dos papéis inéditos de Eça. Seja como fôr, bem haja

por ter conseguido a publicação das recordações de D. Conceição de Melo.»

*

M. M.

Já composta esta página, acaba-nos de chegar a notícia do falecimento de D. Conceição. No próximo fascículo aqui lhe dedicaremos algumas palavras da nossa saudade e muito aprêço.

EDUCAR

Reforme-se o espírito da educação portuguesa

A letra mata, o espírito vivifica.

SAN-PAULO.

Educação: tóda orientada para a preguiça da colectividade que remata na desordem e no crime: óca, palavrosa, enganadora. São excepções os que resistem às máquinas de avariar a mentalidade instaladas nas escolas, e depois, por auto-educação, conseguem ficar resistentes ao ambiente deletério da gente lusa. Não se cuida de adaptar a população ao território e à vida hodierna, o que é o peor defeito da educação portuguesa.

EZEQUIEL DE CAMPOS.

Um luxo desenfreado, a séde febril dos prazeres materiais, as classes trabalhadoras cada vez mais exploradas, uma dívida pública sem limites, o descrédito no estrangeiro e o desprestígio dos governantes sucessivamente apeados entre a nota de incapacidade e o labéu de corruptos. Se este estado de coisas não fôsse alimentado pelos processos subversivos duma educação incoerente e falsa, há muito que uma reacção das energias individuais teria rompido o marasmo. Mas o peor erro das nossas educações officiais não é ainda a perversão das inteligências no conflito constante da doutrina com os factos e os métodos; é que atrofia as vontades, dando-lhes da vida uma noção falsa e amortecendo sistematicamente todo o espírito de iniciativa fecunda. A educação official fecha-se, com raras abertas de luz, num casulo de creninação lenta. — SILVA CORDEIRO.

PORTUGAL não é a França, não é a Inglaterra, não é a Alemanha, não é a Bélgica, não é a Holanda, não é uma nação normalmente europeia, e, portanto, educar portugueses não é o mesmo que educar franceses, ingleses, alemães, belgas ou holandeses. Portugal está em especialíssimas condições, condições que, em grande parte, lhe foram criadas pelo seu passado histórico: os descobrimentos e as conquistas ultramarinas. E de todas elas a mais característica é o seu alheamento do espírito da civilização europeia (há cêrca de quatro séculos), espírito que se revela nas nações — grandes e pequenas — que verdadeiramente representam a civilização europeia por uma intensidade colossal de vida, criação constante em todos os domínios da actividade humana: nos costumes, na agricultura, na indústria, no comércio, na sciência, na filosofia, na religião... Criação imensa que liga os mais nobres ideais em luta com o mais grosseiro materialismo. E são inventos, descobertas que surgem quebrando a estabilidade de velhos moldes, de velhos sistemas, produtos, a seu turno, de descobertas e inventos anteriores. São acções e reacções entrelaçadas, marcha zigzagueante de vida que tem sempre como resultante final: um progresso.

¡Maravilhosa civilização! Maravilhoso espírito que a anima!

E êsse espírito pode-se dizer que não existe em Portugal.

Sobretudo na educação (em que sempre tem assentado, e cada vez mais assenta, a prosperidade das nações), falha êle quási por completo

em Portugal. Educação empírica, educação formalista, educação mecânica, educação sem fé, educação sem ideal!... Se é que se pode dar o nome de educação ao amontoado caótico de frases, atitudes falsas, orientações viciosas em que consiste a educação nacional!...

¡Pobre criança portuguesa! ¿Quem apaixonada e inteligentemente se importa com ela em Portugal?! ¿Quem procura ajudá-la a vir a ser uma verdadeira *pessoa*, um português do seu tempo, consciente dos seus direitos e deveres, superiormente útil a si, aos seus, ao seu país, factor dum novo Portugal?!

His Majesty the Baby é em Portugal um sêr, fundamentalmente, abandonado.

Não tem uma arte, uma literatura própria, numerosa, variada, saída do interêsse, do amor duma geração a uma nova geração, tornada esperança duma pátria; uma arte, uma literatura que encha a imaginação de belos e alevantados sonhos; que entusiasme, em aspectos vivos, pitorescos mas chãos, duma vida real e ideal; que leve a estimar a bela terra, a boa gente portuguesa de qualidades tão mal aproveitadas. Raras são as obras nestas condições.

A criança portuguesa não tem teatros, jogos, divertimentos que lhe sejam adequados, em que a sua alma vibre intensamente em vibrações próprias dos seus sentimentos infantis. Por acaso encontra nos cinematógrafos uma ou outra fita educativa, cuja lição desaparece no meio doutras de carácter muito oposto ou no de corruptoras e boçais revistas e operetas a cujas representações, criminosamente, a levam.

Não tem escolas onde a sua sensibilidade, a sua inteligência e a sua vontade sejam orientadas e desenvolvidas harmonicamente no sentido duma vasta e superior compreensão, e dum profundo sentimento da sua personalidade e do todo que a cerca; onde o seu sêr seja dirigido racionalmente para a acção, onde a sua vida interna e externa seja estudada com cuidado, com ciência, com amor. A preocupação intelectual, estreitamente intelectual domina os programas, domina os compêndios, domina o ensino, domina os regulamentos, mecanizando, unilateralizando, secando os espíritos.

Conhecimentos, conhecimentos, conhecimentos!!! E conhecimentos desconexos de aula para aula, contraditórios, por vezes, de professor para professor!...

Educação moral? Quando muito em palavras.
Educação técnica? Simples arremedos.

A criança portuguesa devia encontrar na escola um apostolado, um centro de actividade produtora, encontra apenas um maquinismo burocrático, uma fábrica de diplômas.

A criança portuguesa não tem uma *família*, não nasce num *home* em que uma atmosfera profundamente espiritual, atmosfera de trabalho e de amor, de concórdia e de alegria, assente na superior união do homem e da mulher, penetre todo o seu sêr; uma família, centro irradiador de civismo, base fundamental e geradora da vida sã e forte das sociedades; uma família compenetrada das suas tremendas responsabilidades, da sua alta função social; uma família que compreenda e sinta os progressos da humanidade em marcha, creia na perfectibilidade do homem; uma família que saiba e queira combater os seus próprios erros, como exemplo vivo a dar aos filhos.

A criança portuguesa não encontra uma vida pública em que os homens, ligados por direitos e deveres conscientemente aceites e realizados, superiormente dirigidos nas suas aspirações, nas suas actividades por elites compenetradas do seu papel, trabalhem para o bem da colectividade, mas sim a caça aos empregos do Estado, a ganância mais insólita, as negociatas menos escrupulosas, a indisciplina mais descabelada...

Não encontra, em suma, a pobre criança portuguesa, uma Pátria, um grupo social assente em bem compreendidas e sentidas tradições, num ideal nacional que a todos una. O que encontra, desde o berço ao túmulo, a abafar, a corromper a vida que virginalmente nela brota, é um ambiente inquinado de terríveis vícios, uma sociedade em que desapareceram as condições normais da vida social humana, e, conseqüentemente, passou a florescer um regímen oligárquico-parasitário que, fazendo sentir a sua acção em todas as manifestações da existência nacional, desde a família à escola, da escola à vida pública, detém, perverte todo e qualquer forte e são movimento de ressurreição nacional.

E então ei-la, a criança portuguesa: raquítica, triste, scéptica, egoísta, predisposta ao vício, incauta às mais nefastas influências, falando calão, nicotinizando-se, basofiando uma pobre cultura superficial e sem nexos, dando-se ares, em suma, do que julga ser um *Homem*.

Mas a velha têmpera existe ainda, bastas vezes se tem manifestado, ainda que esporadicamente. Adormecida, desperta por vezes em ingáveis afirmações de vida. Sentem-se a través do descabro geral sãs energias que surgem.

O que falta são as direcções superiores (superiores pelo sentimento, pela vontade e pela inteligência), as direcções superiores que salvam; faltam as elites orientadoras, coordenadoras das actividades da nação, faltam as elites libertas das influências oligárquicas. Para as criar é preciso que seja outro o espírito da educação portuguesa. E' preciso que se organizem, racional, escrupulosamente, e em alta escala, missões de estudo ao estrangeiro, aos Estados-Unidos, à Inglaterra, à Alemanha, à Bélgica, à Suíça... Missões que, bem compenetradas do estado da sociedade portuguesa, iriam tomar directo contacto com a civilização europeia nos seus mais sãos, mais importantes, mais fundamentais aspectos e voltariam trazendo o seu espírito renovador e as suas técnicas fecundas, constituindo assim os gémens de uma nação verdadeiramente europeia, as elites directivas de um novo Portugal.

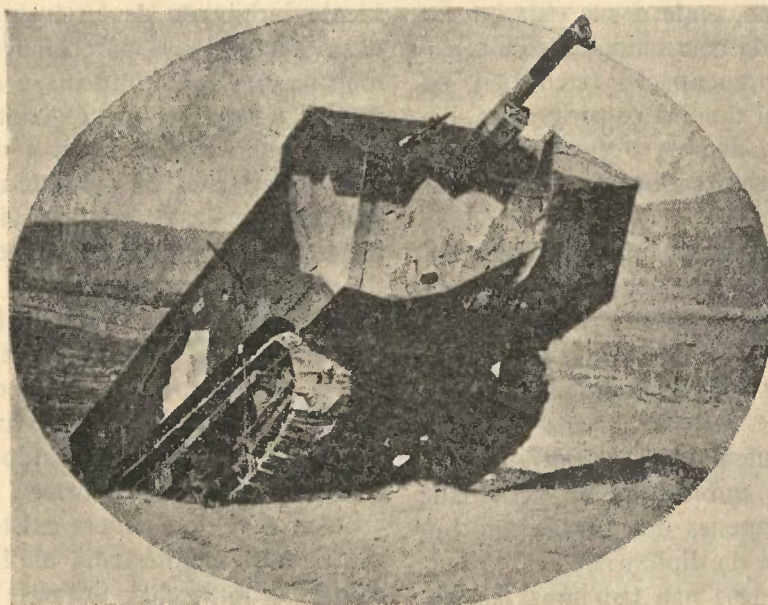
A. REIS MACHADO.



A PRÓXIMA GUERRA E A ARTILHARIA

COM este título deve aparecer brevemente no mercado um livro sobre todos os pontos-de-vista útil, curioso e de flagrante actualidade. Subscreve-o o director literário desta revista, que o dedica aos seus antigos mestres na Escola de Officiais Milicianos e na Escola Militar, e aos seus camaradas da Grande Guerra, na Flandres.

Estuda o autor a evolução da artilharia desde alguns decénios antes da última guerra até à actualidade, para depois estabelecer, em hipóteses quanto possível fundamentadas, as principais características tácticas e estraté-



O célebre carro d'assalto francês das oficinas Saint Chamond, a cujos efeitos pulverizadores se deve em grande parte a vitória dos aliados na última guerra.

NÃO são excessivos, senão raros mesmos, os trabalhos de divulgação técnica, ou meramente literários, que sobre a Artilharia têm aparecido em Portugal depois da Grande Guerra. Na vasta bibliografia literária daquela, só dois trabalhos exclusivamente artilheiros se podem até hoje contar, e um deles ainda assim de impressões muito rápidas. Referimo-nos ao livrinho *Na guerra* do alferes miliciano de Artilharia de Campanha, deputado e ex-ministro da República, Dr. Joaquim Ribeiro, e ao nosso volume *Sangue d'Epopeia — A Artilharia Portuguesa na Flandres*.

Até a própria revista da especialidade, anemiada pela falta de dedicações fortes, de espírito de arma, de orgulho artilheiro, só muito recentemente conseguiu publicar o seu número comemorativo da acção da referida arma durante a Guerra e só muito recentemente também se viu publicado o notável estudo do sr. Major Ribeiro de Carvalho sobre a 2.^a Divisão do C. E. P.

¿Será porque os oficiais de artilharia portugueses não acompanham os progressos da sua arma? ¿Será porque ignoram, porventura, que sem muita e poderosa artilharia, e artilharia de campanha, sobretudo, não se pode hoje fazer uma guerra? ¿Será porque se fiam em que, na altura precisa, tudo nos virá do estrangeiro? ¿Será por tudo isso que não se revelam, — que não modernizam a arma, enfim?

Têm exposto, é certo, em lições e conferências, nos vários quartéis, tanto da Guarni-

ção e da Costa, como da Campanha, conhecimentos bastante dignos de serem citados como novidade, alguns ilustres oficiais de Artilharia, e mas já pensaram, sequer, as altas instâncias em pegar de vez nos compêndios e regulamentos existentes, tão arcaicos, como o próprio material, e adaptá-los a esses e outros novos conhecimentos que se adquiram? (1)




O tenente-coronel de Artilharia a pé, sr. José Jorge Ferreira da Silva, comandante dum grupo do C. A. P. I., na última guerra, falando em Roffey-Camp (Inglaterra) com o Ministro de Portugal em Londres sr. Augusto de Vasconcelos, por ocasião duma visita daquele titular ao Campo de instrução do referido grupo.


Não pretende este pequeno estudo vir preencher qualquer lacuna; ele é apenas um brado de incitamento a que não deixemos extinguir-se, por excessiva confiança na paz ou por desagregadora incúria, a que é hoje, e será ainda durante muito tempo, com a sua irmã inseparável, a Infantaria, a principal arma das batalhas.

Quando pela primeira vez o expusemos, em desprezenciosa palestra, num dos fortes da Guarnição do Campo Entrincheirado de Lisboa, dedicámo-lo particularmente à Artilharia de Campanha. Sob esta designação considerámos, com alguns dos mais ilustres escritores militares e categorizados tácticos, toda a «artilharia divisionária», devendo por esta entender-se, também na opinião do major de artilharia a pé sr. Moço Marques, «toda

(1) Sabemos que desde 1920 está entre nós nomeada uma comissão de oficiais de todas as armas e serviços para estudar as alterações a introduzir na nossa organização, de harmonia com os ensinamentos da guerra. Se alguma coisa tem feito, muito desejáramos que se revelasse.



NOSSO POETA.



PREFACIANDO o livro *Primeiros Rebentos*, d'este então bastante jovem poeta, escrevia em 1914 o ilustre escritor e crítico literário sr. José Agostinho: «Salema Vaz tem, a-pesar-dos vinte anos cândidos, ou por causa d'elles, um estro belo, simpático, não raro afirmado em melodias e harmonias que não esquecem. Regionalista, patriota, religioso, os seus temas veem-lhe, incontestavelmente, à flor do coração, e é o coração que vivifica invulgarmente, às vezes com prematura arte, tudo que preocupa e enche aquela boa alma de rapaz a sonhar...»

Ainda bem que não foram os primeiros e últimos rebentos do



SALEMA VAZ

seu inegável estro poético (como o ainda hesitante vate então julgava), esse primeiro feiche de líricas a que José Agostinho se refere; e as «*plaquettes*» *Rosas de todo o ano* e *Beijos*, ambas musicadas, com os curiosos volumes *Desgarradas*, *Terra de Ninguém* e *Pão do Exílio*, podem assim considerar-se hoje inegáveis florações literárias.

Trinta e um anos ainda a trasbordar dos mais doirados sonhos e naturais anseios de subir, Salema Vaz merece, pois, como poeta, e como patriota, as nossas sinceras homenagens e incitamentos.

M. M.

DESTINO

DE Flávia as tranças, desprendi tremendo
(Que labareda flava me aquêceu!);
De Júlia o suave olhar poisou no meu,
Minhas veias azuis entumecendo;

Aos meus afagos brandos foi cedendo,
Como nuvem ao vento, a meiga Iseu;
Beatriz era um pomar! Quanta vez eu
Seus frutos, sequioso, andei colhendo;

Laura, foi um brazeiro de ciúmes;
Com seus corpos, redomas de perfumes,
Meu corpo ungiram Ruth e Leonor...

— O' coração febril, ¿tu que mais queres?!...

— E eu que vivi a amar tantas mulheres
Hei-de morrer desconhecendo o Amor!...

SALEMA VAZ.

(Do livro: *Os nossos Sonetos*,
em preparação).

SONETO

AQUIETA a tua dor, chorosa Amiga;
Teu desespero torna-a mais violenta.
Perdoa-me: sou eu quem te atormenta!
Mas considera, atende ao que me obriga.

Breve, talvez, teu coração bemdiga
O que hoje, como um mal te representa.
Façamos mais serêna, mais isenta,
Esta afeição profunda que nos liga.

Em nós o amor não perde nem se altera.
Cala o ciúme vão que te exaspera,
Inclemente, cruel e traiçoeiro!

Consulta a voz da tua própria alma;
Verás depois se a tua dor acalma,
E se o que digo é falso ou verdadeiro.

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.



ARTE



EXPOSIÇÕES

João José Gomes, — Março-Abril de 1924, Salão Bonne, Lisboa. — Foi de-veras interessante a exposição de Estudos de Arte que o moço escultor João José Gomes realizou no Salão Bobonnc. Já conhecíamos parte das obras do artista, por mais duma vez a termos examinado no seu *atelier*. Vamos dar sôbre elas algumas impressões, falando conjuntamente da curiosa individualidade do expositor.

A obra escultórica de João José Gomes é a dum artista que enceta a sua carreira. Para falarmos da sua arte, cheia de inteligência e de sentimento, não temos necessidade de invocar os nomes de Rodin, Meunier, Qucrol, Soares dos Reis ou Teixeira Lopes. Tampouco levaremos a nossa análise às exigências dalguns profissionais que se notabilizaram a esculpir, ou à de certos noticiaristas, cuja falta de sensibilidade e compreensão artística é ainda tão notória, que vão ao ponto de exigirem dos novos que encetam a sua carreira, a dependência e até os processos técnicos dos velhos consagrados.

As esculturas de João José Gomes são produtos dum temperamento moço e rebelde, mas delicado e honesto. Como forma, poderão ter vários defeitos que os técnicos lhes queiram apontar; revelam, no entanto, como expressão emocional, *estados de alma* que o jóven artista soube interpretar com acêrto. A «Crucificada» é uma linda estatueta de rapariguinha malfadada. Tem os braços erguidos e as mãos pregadas na cruz, que não representa aí, evidentemente, um símbolo religioso, mas o da própria vida. A «Vénus moderna» é uma figurinha esbelta de rapariga de riso provocador e prazenteiro. Está envolta num manto transparente, porventura o das suas ilusões. O «Modernista» representa uma cabeça torturada e pensante, visionando um novo além de linhas e de côres. Como apuro clássico de forma, os bustos «Modesta» e «Minha avó» são de-veras apreciáveis.

O artista esforçou-se, sobretudo, para que as suas esculturas reflectissem *pensamentos*. E isto é de louvar numa terra em que geralmente não se pensa, ou pouca gente pensa com acêrto.

Quanto aos desenhos de João José Gomes, êles são na totalidade muito apreciáveis justamente pela sua espontaneidade e despretenciosismo. Basta examinar a cabeça do «Pequenino Húngaro», construída por linhas simples, e toda a série de *croquis* que expôs. São apontamentos espontâneos, leais, apreendidos naturalmente e sem presunções de forma ou métodos de Academia.

João José Gomes é um artista de cujo futuro não devemos descreer. Saudamo-lo.

Mário de Sousa Gomes, — Abril de 1924, Muralha do Carmo, Lisboa. — Expôs êste artista, também pela primeira vez. Revela-se-nos um pintor muito curioso, de bom

desenho e côr. Dos seus trinta-e-três quadros a óleo, pastel, aguarela e desenho, apreciamos principalmente estes últimos. Nos óleos salientavam-se, no cntanto, o retrato do sr. Perestrelo de Vasconcelos, uma *pochade* com o título «Pedrouços» e «As Santas Mulheres». No pastel achámos bem trabalhados o quadro «Morena» e dois «Crepúsculos».



«O MODERNISTA»
(Escultura de João José Gomes)

vimos há tempo expostos no Teatro Nacional, tinham excelentes efeitos de luz e eram bem compreendidos e desenhados. Parece-nos que Lyster Franco devia antes aplicar as suas qualidades a êste último género de trabalho, que poucos dos nossos artistas cultivam e em que raros tem sido felizes.

Jorge Barradas. — O conhecido artista ilustrador Jorge Barradas veio expor em Lisboa algumas das impressões artísticas que últimamente colheu no Brasil. Como não conhecemos directa- e visualmente o meio, não podemos abertamente pronunciarmo-nos sôbre o modo como Barradas o interpretou. O que podemos dizer, é que alguns dos cartões do artista nos agradaram, sobretudo pela sua interessante coloração e belas qualidades decorativas.

Barradas é um espírito delicado, vibrátil e observador; um rapaz moderno, apaixonado principalmente pelos caprichos da moda. Êle sabe fixar, em breves linhas, perfis adoráveis e maliciosos de mulheres elegantes. Não é um pensador ou um psicólogo, como o foram, por vezes, Gavarni ou Steinlen; é um comentador da graça trívola que passa. Os seus trabalhos, quer sejam de figura, quer de paisagem, olham-se habitualmente com agrado, porque são graciosos e levs.

Mily Possoz, — Maio de 1924, Salão da Ilustração Portuguesa. — M.elle Mily Possoz continua a afirmar a sua técnica original e inconfundível. Nos trinta-e-quatro trabalhos expostos havia alguns de muito valor. Os n.ºs 1 e 3 do catálogo eram duas pinturas modernistas dignas de museu. Há sempre leveza, frescura e ingenuidade encantadoras nos desenhos desta artista. Os seus trabalhos honram a escola modernista portuguesa.

Lyster Franco, — Maio de 1924, Salão Bonne, Lisboa. — Esta exposição não foi das melhores que o distinto e conhecido artista algarvio tem realizado em Lisboa. Os seus quadros a óleo, se exceptuarmos os que se intitulavam «Barranco da Sانبada» (Monchique), «Trecho da Rocha», «Terras da Francesa» (Caldas de Monchique), e poucos mais, pode dizer-se que não possuíam emoção nem tampouco estavam à altura do bom nome do artista. Lyster Franco agrada-nos muito mais como desenhador. Alguns dos seus carvões, que

SAAVEDRA MACHADO.

FOLCLORE ALGARVIO

As Mouras Encantadas

NOTAS PÓSTUMAS RECOMPILADAS EXPRESSAMENTE PARA A
«ALMA NOVA» PELO ERUDITO INVESTIGADOR DR. ATAÍDE OLIVEIRA

: : DUAS CARTAS INÉDITAS DO BENEMÉRITO ALGARVIO : :

Ex.^{mo} Sr.

Dizem que tenho péssima letra, mas já estou velho para a substituir por outra. Lembro-me de facilitar a composição do artigo, mandando com antecedência o original, comporem-no aí, e rever eu as provas. Por isso mandei-lhe todo esse original, devendo compor a continuação da Vila de Arenilha — para seguir a devida ordem. Felizmente não me falta original, e espero publicar todas as lendas de mouras encantadas.

Vai dentro do original — um pequeno apontamento das erratas do 1.^o artigo. Peço o favor de acusar a recepção dos artigos, pois receio os não receba por haver a revolução. E' tudo o que hoje corre nesta vila, visto não se receber o correio de Lisboa.

Mostrem a carta ao Murta e êle pode prestar bom serviço sendo chamado como intérprete.

Sou

Al.^o Vor. Obr.^{do}

Loulé, 15 de Maio de 1915.

Francisco Xavier d'Ataide Oliveira.

Ex.^{mo} Sr.

Devo sair de Loulé entre 10 e 20 do proximo mez de Julho para a minha Estancia de Aguas por cima do Porto, — Entre-os-Rios. Padeço de uma bronquite cronica. Se tenho de rever as provas do meu artigo peço m'as mande quando eu aqui esteja, pois que na Estancia mal tenho tempo de me divertir, apesar de velho.

Como é costume velho e os costumes fazem lei, tratei de escrever alguns artigos acerca das mouras encantadas de Silves, Faro, Tavira, Fonte do Espiche e Loulé para os mezes de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro dar que fazer á Alma Nova, porque nesses mezes devo estar doente e não escrever uma palavra.

Não sei se o Murta se demora ainda em Lisboa durante o mez de Agosto e Setembro.

De V. Ex.^a

Att.^o V.^{or} Obg.^{do}

Loulé, 22 de Junho 1915.

Francisco Xavier d'Ataide Oliveira.

A MOURA DE FARO

UM cronista, referindo-se à tomada do castelo de Faro em 23 de Fevereiro de 1249, escreveu o seguinte:

Puzeram D. Afonso III e o mestre da Ordem o arraial sôbre Faro, e repartiram os seus combatentes desta forma: o combate de ElRei D. Afonso foi no castelo e um lança da Vila até uma porta, hoje chamada das freiras, e o combate do mestre dêsse lança até à porta da Vila; e mandou ElRei um rico-homem que havia nome Dom Pero Asquerenho com outro lança do muro até uma torre que depois chamaram de João de Boim e este João de Boim tinha outro lança da torre até o combate do Alcacere de ElRei. Afora estas capitancias eram ahí outras, a saber: D. Fernão Lopes, prior do Hospital, o Mestre de Aviz, o chancellor-mór D. João Soares, e Egas Lourenço. Desta forma tinha ElRei a Vila muito bem combatida, noite e dia. Alem disso atravessou ElRei no meio da ria navios grandes e muito bem armados e ancorados da parte de fora excontra o mar, porque se algumas galés de mouros viessem defender Faro, não o podessem fazer. Ficou Faro cercada em redor. Alem das forças que cercaram Faro outras havia para auxiliar alguns combates mais fracos.

Parte das forças que cercaram o castelo de Faro fôra colocada no Largo, hoje chamado de San-Francisco, e estas forças eram comandadas por um brioso

e valente official. Êste, vendo em certa ocasião a formosa e gentil filha do governador do castelo, ficou dela apaixonado. A presença agradável e o aspecto belicoso do nosso official não passaram, porém, despercebidos à gentil moura, que em pouco tempo estava em amorosas relações com o valente official, por intermédio de um seu escravo, também mouro, e que conhecia perfeitamente as linguas portuguesa e sarracena.

Continuaram assim as suas relações, até que em certo dia conseguiu o official que a gentil moura o recebesse em curto *rendez-vous* dentro do castelo, combinando-se que o escravo abrisse alta-noite a porta do nascente, hoje da Senhora-do-Repouso. Dirigiu-se, pois, o official aos seus camaradas e amigos, dizendo-lhes:

— Espero entrar esta noite dentro do castelo pela porta do nascente. Se não voltar, depois de pequena demora, fui vítima duma traição, e então peço-lhes que se o castelo for tomado e lhes venha à mão a filha do governador a não maltratem, porque certamente ela foi estranha à traição contra mim.

Prometeram-lhe todos os seus camaradas cumprir as suas ordens, depois que viram a impossibilidade de o demover da sua empresa.

Entrou o oficial no castelo e aí se conservou em doce colóquio com a jóven moura. A' hora de sair acompanhou ela o seu apaixonado até à porta do castelo, levando consigo o seu irmão, criança de oito anos. Quando se aproximavam da porta, disse-lhes o escravo que da parte de fora estava, certamente, muita gente, pois que mais duma vez ouvira vozes abafadas. A gentil moura estremeceu.

— Não tenhas medo, respondo pelos que estão fora, — disse-lhe o oficial, dando-lhe o beijo da despedida.

Neste momento o escravo destrancou a porta, fazendo pequeno arruído. Então os que estavam de fora caíram de roldão sôbre a porta, ouvindo-se os soldados em vozearia chamando pelo seu oficial. A êste impulso, o oficial recuou um pouco, e sustendo nos braços a sua gentil moura, colocou-a sôbre o ombro e ordenou em voz alta:

— Para trás, para trás: estou aqui!

Já a êste tempo voava pelo castelo a voz de alarma. A' porta do nascente travava-se grande luta. O oficial via-se em iminente perigo, e quando ia a transpor a porta do castelo notou que tinha nos braços não uma formosa moura, mas apenas uns farrapos que se desfaziam no ar. Olhou ao lado pela criancinha e não a viu também. Então sentiu-se acometido duma síncope e caíu.

Passadas duas horas tornou a si e viu-se deitado na barraca de campanha, armada próximo do castelo. Tinha ao seu lado um camarada.

— ¿Quem me trouxe para esta barraca? — perguntou.

— Não fales, porque te faz mal. O fisico proíbe que fales.

— Estou bom — disse, erguendo-se dum salto e perguntando quem pr'ali o trouxera.

— Eu e os nossos camaradas — respondeu o companheiro.

— ¿E a filha do governador?

O outro nada lhe soube dizer. Então, o jóven enamorado dirigiu-se à porta do castelo. Ao entrar pelo Arco da Senhora-do-Repouso, viu do lado esquerdo a cabeça duma criança, que se assomava por um buraco. O oficial conheceu-a: era o irmãozinho da sua namorada. E perguntou:

— Menino, ¿o que fazes aí?

— Estamos aqui encantados, eu e a minha irmã — respondeu aquele.

— ¿Quem vos encantou?

— O nosso pai. Soube por uns espias que levavas sôbre os ombros minha irmã, invocou Allah e

encantou-nos, no momento em que ias transpor a porta.

— ¿E encantados por muito tempo?

— Enquanto o mundo fôr mundo! . . .

O oficial, que era um valente, não pôde sustentar as lágrimas. Quando foi senhor de si tinha o mourinho desaparecido.

Nunca mais foi visto o oficial. Terminado o cerco, pediu licença ao Rei e recolheu-se a um convento, onde professor, adoptando outro nome.

ATAÍDE OLIVEIRA.

NOTAS SÔBRE A LENDA

O falecido escritor Júlio Lourenço Pinto, escreveu no seu *O Algarve*, com referência à avença feita entre D. Afonso III e os mouros de Faro, e a tomada do castelo, o seguinte:

A este facto historico, porém, contrapõe-se a antiga tradição de que a tomada (da vila) resultou da traição de uma moura que, para vinda de qualquer aggravo, abriu de noite uma das portas aos siliadores. E o certo é que ainda hoje existe na parte da muralha do fronteira à ria, uma porta falsa, chamada da *Traição*.

«E' verdade, comenta porém Ataíde Oliveira, que aos mouros e ainda cristãos que ignoravam como os factos se passaram pareceu traição da moura o facto de lhe abrir de noite uma das portas do castelo; parece-nos, todavia, que o nome dessa porta é comum à porta da «Traição» doutros castelos. Cremos que em todos êles havia uma porta denominada — da Traição — mais pequena e aparelhada de forma mais ou menos oculta.»

«Segundo lêmos, acrescenta, chamava-se «porta da Traição» à porta que dava para a ria, mas a lenda diz que a porta

por onde o oficial entrou era a porta do nascente — a que hoje é denominada *Senhora-do-Repouso*».

No livro d'este escritor — *As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve* — foi tratado d'este ponto, o bastante. Indagando aí as razões que levariam o monarca a denominar aquela capela com a palavra *Repouso*, encontramos:

«Talvez o guerreiro monarca, na fundação daquela capela, quisesse ser agradável ao seu valente oficial, dando a êste monumento o título de *Repouso*, visto que ali repousava a sua desditosa moura, encantada por séculos sem fim. ¿Quem sabe? Ou então em alusão ao seu procedimento, escolhendo a vida do convento, também lugar de repouso.»

A gentil moura, filha do governador de Faro, tinha o nome de Zuleika. A sua formosura tem sido objecto de várias peças literárias, algumas das quais, que sabemos, ainda inéditas.

Contou-nos o Dr. Ataíde Oliveira, que por muitos anos foi ainda visto, depois da tomada de Faro, e como professo, o oficial (namorado da filha do Governador) a conversar com o mourinho na capela da Senhora-do-Repouso. O oficial muito velhinho e achacado; o mourinho sem diferença alguma, a mesma criança. Aquele envelhecia a olhos vistos.

Na última vez que o official ali esteve disse ao mourinho as seguintes palavras:

— Participa a tua irmã que me sinto morrer e que faça ela que eu a não espere por muito tempo. Abraça-a e dá-lhe da minha parte o beijo da morte.

O mourinho conservou-se como inconsciente e nada respondeu. Foi então que o official reflectiu um pouco, e disse:

— Fui eu o único que sobrevivi: tu e tua irmã morreram há muito tempo. Que infeliz fui! . . .

No alfôbre de lendas mouriscas, que é todo o Algarve, não é Faro uma das terras menos férteis em encantamentos; e nos seus arredores, o «Rio Sêco» é ainda hoje considerado o solar dos mouros e mouras encantadas. — M. M.



TRECHO DO "RIO SÊCO" — ARREDORES DE FARO

(Fot. de Eurico Ortigão)

TERRAS DO ALGARVE

SILVES

POR

PEDRO M. JÚDICE

- | |
|--|
| I. — Silves nos tempos prè-históricos e na época romana. |
| II. — Opiniões de distintos historiadores sôbre Silves. |
| III. — Árabes ilustres naturais de Silves. |
| IV. — Conquista de Silves nos Mouros. |
| V. — Silves como lugar de turismo. |
| VI. — Indústrias de Silvos. |

I

Silves nos tempos prè-históricos e na época romana

SILVES, desde as épocas mais remotas, foi lugar apeteçido pelos homens como ponto de ajuntamento; a sua fundação perde-se na noite dos tempos. São disso prova a quantidade de objectos da idade paleolítica e neolítica que por aqui se tem encontrado, a muitos dos quais se refere Estácio da Veiga na sua obra imortredora *Antiguidades Monumentaes do Algarve*.

Entrando nos tempos históricos, vemos que a civilização romana, que tão retumbante foi através da História de todas as idades, e que tão fundo sulco deixou vincado nas suas páginas, também neste lugar se fez sentir de forma assinalada e distinta. Assim no-lo comunica Estácio da Veiga a pág. 356 do II volume da já citada obra, quando nos diz que «Silves já era cidade anteriormente ao dominio romano; que logo no começo do imperio bateu moeda sua, usando porem da symbologia lusitanica, que bem deixava patente as suas remotas origens etnicas propriamente peninsulares; mostrarei que durante o imperio romano esteve decorada de nobres edificios...»

Poucos são os testemunhos certos da passagem dos romanos. Fr. Vicente Salgado, a pág. 305 e seguintes das *Memorias Eccle-*

siasticas do Reino do Algarve, diz: «Na cidade de Sylves, que foi sempre populosa na dominação daquellas gentes, apenas encontramos tres unicos Testemunhos Romanos, que nos assegurarão antiguidade. Grutero he que nos dá noticia destas Lapidias; e fazendo eu as maiores diligencias, quando alli residi, por descobrir as pedras que finhão gravadas estas Inscriptções, nunca me foi possivel encontrallas.» A primeira lápide é um voto que consagrou às ninfas Avito, filho de Procolo, pela saúde de sua mulher Flacilia Flaca.

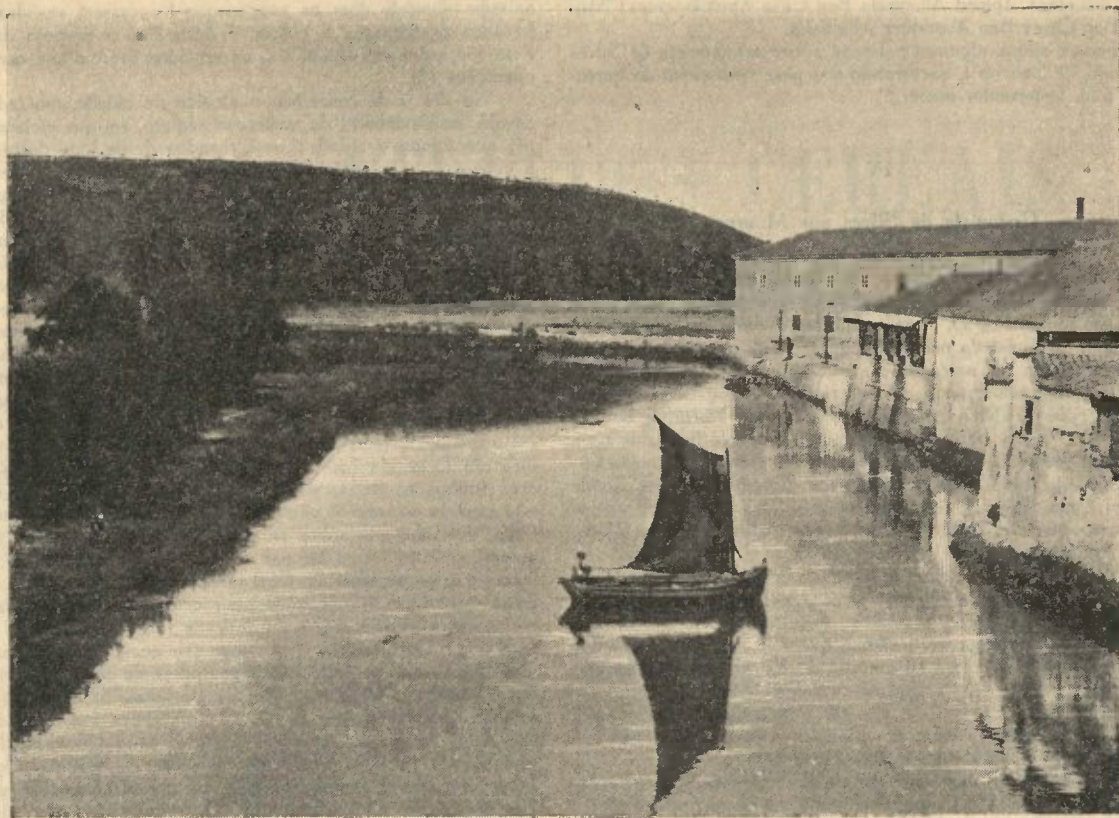
As outras duas são inscrições sepulcrais, dizendo uma delas o seguinte: *Aqui está sepultado Mecio Optato, a quem Attio Montano consagrou de seus bens esta Memoria*. Na outra, a tradução é a seguinte: *Neste sarcofago de barro estão os ossos de Lucio Baco, filho de Lucio. Foram colocados em o logar, que quando ele vivia comprou livre, junto á Ermida de Neptuno*.

O historiador Octavio Strada informa-nos de que havia uma pequena ermida dedicada a Neptuno, junto à cidade de Silves.

Neste ponto foi um pouco mais feliz, do que Fr. Vicente Salgado, o autor destas linhas, que não só encontrou, mas conseguiu adquirir duas inscrições romanas. Em Outubro de 1920 obtive no sítio de San-Lourenço, freguesia de Pêra, concelho de Silves, uma pedra calcárea com a forma de paralelepípedo recto, um cipo, tendo numa das faces 40 centímetros de altura e 7 de largura aproximadamente, uma inscrição latina, onde se lê: *Dianæ Sacrum*. Noutra face contígua a esta apresenta em relêvo uma figura semelhante a



SILVES — VISTA PARCIAL
(Fot. de S. Padinha)



UM PITORESCO ASPECTO DE SILVES

uma pátera, espécie de taça usada nos sacrificios antigos. Alguns fragmentos de tijolos romanos adquiridos na mesma ocasião, e a notícia de que naquele sítio tem sido encontrados muitos alicerces e objectos antigos, dão a perceber ter lá existido uma povoação romana.

São raras entre nós as inscrições referentes à deusa da caça, visto que o sábio Dr. Leite de Vasconcelos diz a pág. 237 do volume III das *Religiões da Lusitania*, referindo-se a uma destas inscrições: «E' esta, que eu saiba, a unica inscrição nossa, respeitante a Diana...»

A outra inscrição romana lê-se numa pedra de grés de Silves, a que nesta cidade chamam vulgarmente *pedra ruiva*, a qual tem as seguintes dimensões: comprimento, 0^m,90; largura, 0^m,25; espessura, 0^m,17. Nesta pedra, que parece fracturada, supondo-se por isso que falta o começo da inscrição, lê-se o seguinte: *Nemo Sit*.

O sr. Dr. Leite de Vasconcelos, a pág. 123 do vol. XXIII de *O Archeologo Português*, diz, sobre uma escultura de pedra que o autor destas linhas tem depositada no Museu Etnológico, o seguinte: «A escultura que appareça enterrada em Silves é de marmore, e representa um busto femenino, de 0^m,52 a 0^m,53 de altura, o qual tem asas triplumadas e madeixas, estando porém a cara e a cabeça um tanto esmurradas. Talvez eu não ande longe da verdade attribuindo-a á epoca lusitano-romana, e considerando-a Esfinge, análoga á que publiquei nas *Religiões*, III. Scrá publicada n-*O Arch.*, noutra ocasião.»

Também como testemunho da passagem dos Romanos não raramente se tem encontrado moedas, principalmente de cobre; e é natural que entre os numerosos objectos de cerâmica mais ou menos fragmentados, em que é fértil o sub-solo de Silves, alguns deles sejam romanos.

11

Opiniões de distintos historiadores sobre Silves

Falemos agora do domínio árabe. Para avaliarmos o que foi Silves nesta época, e para que alguns não possam supor que estamos atacados de nativismo, que entre nós vai tomando orientação muito radical ou extremista, podendo desandar em disparate, como no Brasil, donde importámos este termo, damos a palavra neste ponto a estranhos de autoridade. Assim, a pág. 37 da *Historia de Portugal*, tomo II, 5.^a edição, diz A. Herculno: «Silves era das

mais importantes povoações da Península... Comparada com Lisboa, Silves era muito mais forte, e em opulencia e sumptuosidade de edificios dez vezes mais notavel. A abundancia dos seus moradores, e a elegancia das habitações e do trato dos moradores condiziam com o esmero da cultura dos arredores cubertos de hortas e jardins deliciosos.»

Oliveira Martins, que está muito longe de ser um escritor optimista, na sua *Historia de Portugal*, 5.^a edição, tomo I, pág. 91, diz: «... e quem nos fins do XII seculo visitasse Silves, ou Chelb, dir-se-hia transportado a uma cidade oriental. Chelb ao sul, Hayrum (Faro) mais ao norte, eram as duas cidades principaes do Al-faghar; mas a primeira excedia em muito a segunda. Contava cerca de trinta mil habitantes, era opulenta em thesouros e formosa em construcções. Davam-lhe a primasia entre as cidades da Hespanha arabe.»

111

Árabes ilustres naturais de Silves

Na *Biblioteca Arabico-Hispana* de Casiri veem referência aos seguintes individuos naturais de Silves:

Abu-Baker Ben lokan, poeta; Abulualid Ismail, com o sobrenome de Ebn Alfechuasch, também poeta distinto, que faleceu no ano 558 da Egira, correspondente a 1162 da era de Cristo; Abu Mohamad Abdalla Ben Abi Baker; Ben Abraham Ben Almonkhol, poeta e orador; Abu Bakerus Mohamad Ben Amar Dulvazartin, natural do lugar de Schanabos, do distrito de Silves, poeta e politico ambicioso de governar, que morreu no ano da Egira 447, correspondente ao de 1084 da era de Cristo; Abdelmalekus Ben Abdalla, poeta e orador distinto, que viveu no 6.^o século da Egira; Mohamad Ben Abraham Ben Gabel, distinto orador e escritor, falecido no ano de 1137 da era cristã; Abdelmalekus Ben Hescham, vulgarmente chamado Ebn Athala, nascido de nobre geração no ano de 1082 da era cristã, com os mais ilustres mestres do seu tempo aprendeu Rétorica em Silves, Filosofia em Sevilha e Jurisprudência em Córdoba, tendo escrito três livros de Genealogias de muito mérito; Mohamad Ben Soão Algasani, vulgo Alabli, distinto juriconsulto e historiador; Abdalla Ben Isa Abi Habib Abu Mohamed, de familia distinta, cultivou a lingua árabe, a Jurisprudência, Cronologia e Astronomia, governou Silves durante nove anos, cujo governo abandonou, dirigindo-se à África e Ásia, a fim de ouvir

mestres distintos; Ahmad Alhassain Ben Casa Abulcassemus; Mo-hamad Ben Omar Ben Almonder Abulualid.

Digamos agora algumas palavras sobre a conquista de Silves no reinado de Sancho I, socorrendo-nos para esse efeito da narrativa de uma testemunha ocular.

IV

Conquista de Silves aos Mouros

Ao domínio árabe seguiu-se, como é sabido, a ocupação portuguesa, após a conquista definitiva da cidade por D. Paio Peres Correia, no reinado de D. Afonso III. No reinado de D. Sancho I foi a cidade conquistada pelos portugueses com o auxílio duma armada de cruzados. A narração desta conquista é feita em latim por uma testemunha ocular, que dela escreveu a *Relação da Derrota Naval, Façanhas e Sucessos dos Cruzados que Partiram do Escalda para a Terra Santa no Ano de 1189*, e está traduzida para português, e anotada, por João Baptista da Silva Lopes. Permaneceu a armada dos Cruzados em Lisboa durante onze dias, donde saiu com trinta-e-seis grandes naus e uma galé. Depois de velejarem vagarosamente durante três dias e duas noites, avistaram Alvor, entrando pouco depois no porto de Silves.

Desde logo começaram as escaramuças entre Cruzados e Mouros. A 22 de Julho os sifiantes Cruzados fizeram um importante ataque à cidade, mas foram repellidos. A 29 do mesmo mês chegou à frente do seu exército o rei lusitano, que veio por terra. O autor da referida *Relação* diz que «o exercito do Rei era muito numeroso em gente de cavallo, peões e chusma de galés etc.»

Duarte Nunes de Leão e Rui de Pina referem que «El-Rei mandara por mar huma frota de 40 galés e galeotas e muitos outros navios carregados de munições e bastimentos.»

Depois do Rei, a dignidade que se lhe seguia na ordem hierárquica do comando era o Conde D. Mendo, conhecido pelo *Souzão*, bisneto do Rei D. Afonso Henriques, filho de D. Gonçalo de Sousa, que foi casado com D. Urraca Sanches, filha de D. Sancho Nunes e de D. Tareja Afonsa, filha bastarda do Rei D. Afonso Henriques. O autor da *Derrota Naval* não cita o nome do Conde D. Mendo, e quando a elle se refere diz o *principe da milicia (princeps militiæ)*.

No dia immediato ao da chegada dos portugueses, que foi domingo, porque uns Cruzados ingleses, dois dias antes, fivesssem matado um Mouro junto à porta da mesquita, estes tomaram três dos cristãos que tinham cativos, penduraram-nos das ameias da torre, denominada Alverana, atados pelos pés, e assim bárbaramente os mataram às lançadas e estocadas, à vista de todo o arraial cristão, o que fez derramar lágrimas de fúria, dó e compaixão a seus irmãos na fé, incitando-os e estimulando-os mais ao combate. Entretanto o exército português ia aumentando sucessivamente. Passado tempo, um mouro, fugindo para o campo cristão, acompanhado de dois pendões, denunciou um plano de ataque que havia de surtir efeito, após tão prolongado cerco, o qual consistia na tomada da *Couçaça*, reduto que lhes protegia a comunicação com o canal das águas (*conductus aquorum*). Finalmente, no dia 1 de Setembro, os sitiados bradaram das suas fortificações, dizendo que queriam entregar a cidade, vindo muitos destes para o campo cristão, dizendo que estavam mortos de sede e aterrados pela luta. As condições de rendição propostas foram entregá da cidade e castelo, saindo os Mouros com tudo o que lhes pertencesse, ao que os Cruzados se opuseram terminantemente, não obstante o Rei português estar plenamente de acordo com estas condições de paz. Aos Cruzados prometteu D. Sancho I dez mil cruzados em oiro e a seguir vinte mil, o que foi recusado, em virtude da demora que haveria em trazer tal quantia, que naturalmente teria que ser levantada por meio de tributo. Finalmente, os Cruzados acordaram em que os Mouros

saissem somente com as roupas que trouxessem vestidas, ficando para os portugueses a cidade e para elles o despojo da mesma. Pela força das circunstâncias, os vencidos tiveram que aceitar estas condições (1).

No dia 3 de Setembro o alcaide da cidade, montado no seu cavallo, acompanhado de numeroso séquito, em que vinham todos a pé, abandonou a cidade; os Cruzados desde logo desrespeitaram a convenção, roubando e ofendendo corporalmente os vencidos, o que muito incomodou o Rei português, que censurou ásperamente tal conduta; e de noite, ainda mais abusos foram cometidos, tendo sido postos a formentos alguns dos vencidos, a fim de os obrigarem a declarar onde tinham o dinheiro. Foi terrível o espectáculo com que depararam os vencedores: os Mouros, muito macilentos, com dificuldade se mantinham em pé; alguns precisavam de se amparar aos vencedores, outros viam-se estirados pelas ruas, mortos ou moribundos; os cadáveres de pessoas e de animais exalavam um cheiro pestilencial e insuportável. Os cristãos que se encontravam cativos, mal podiam respirar, pois, segundo elles contavam, havia quatro dias que não bebiam mais água do que a que podia conter a casca dum ovo, de que tinham que repartir com a mulher e filhos; e esta só lhes era fornecida com a condição de pelejarem contra os cristãos, seus irmãos na fé. O seu principal alimento era figos, visto que não podiam amassar o pão pela falta de água. Os prisioneiros, de noite, dormiam nus sobre as pedras frias, a fim de ver se conseguiam por esta forma atenuar a secura produzida pela sede. Mulheres e crianças ingeriam terra húmida. Quando o cerco começou, havia dentro das fortificações quatrocentos-e-cinquenta prisioneiros, e quando a cidade se rendeu, apenas foram encontrados duzentos com vida. Durou o cerco de Silves seis semanas e três dias.

Depois da conquista da famosa praça de guerra, o Rei D. Sancho I passou a intitular-se Rei de Portugal, Silves e Algarve. O primeiro documento que prova esta afirmativa é a doação do castelo de Alvor ao Mosteiro de Santa Cruz-de-Coimbra, datada de Outubro de 1189, o qual começa assim: — *Sancius, Dei gratia, Portugalis, Silves et Algarbii Rex, una cum uxore mea Regina Dulcia, et filiis, et filiabus meis etc.* Do mês de Dezembro do mesmo ano há outro documento referente à doação do Castelo de Mafra e outras rendas a D. Nicolau, Bispo de Silves, e seus successores, o qual começa pela mesma forma. João Pedro Ribeiro, nas suas *Dissertações Chronologicas e Criticas*, apresenta outros documentos que comprovam a mesma afirmativa.

(Conclue no próximo número).

PEDRO M. JÚDICE.

(1) O crónista português Rui de Pina diz a este respeito o seguinte, referindo-se aos Cruzados: *os quaes responderão com opiniões de barbara fé, ou com tenção de pura cobiça, que não erão contentes, nem o aprovavão, mas somente querião, propostos todos os inconvenientes e perigos que podião sobrevir, que os infieis todos morressem sem algum para cativo ficar reservado: mas El-Rei com sua humanidade, vencido já da miseria dos Mouros, elle com suas palavras brandas tanto insistio com os Framengos, que finalmente consentirão que as vidas se dessem aos Mouros, e que elles de suas fazendas e coisas, não tirassem nem levassem, salvo as mais vis roupas em que saíssem vestidos, e assi se fez; pelo que os Estrangeiros da frota, das riquezas e fazendas dos Mouros, que forão achadas, tomárão e levárão ho que quizerão, com que alegres e muito contentes delRey e do feyto tam prospero se tornárão para suas terras, e a El-Rey ficou a cidade de Sylves livre, em que loguo mandou fazer Egreja Cathedral, e dedica-la ao Culto Divino que loguo nella se celebrou, ho que foy na era de N. S. de mil cento e noventa e nove annos, hum anno depois que ha Raynha Dona Doce molher del Rey D. Sancho I faleceu.*

Termina assim o capitulo XI da Crónica de Rui de Pina, havendo a notar um erro de data da parte deste crónista ou de quem o copiou, pois que o ano da conquista não é o referido, mas sim 1189.

Quere dinheiro?

Jogue no

Gama

R. do Amparo, 51

LISBOA

Telefone: Norte 4200

IMPRESSÕES

A COLHEITA DOS CEREAIS
EM TRÁS-OS-MONTES

A labuta começa aí por Junho e acaba geralmente em Agosto. Em Castro Vicente — a pitoresca povoação onde estamos — dedicam-se os lavradores ao cultivo da cevada, lonilha, aveia, centeio e trigo, e colhem-se estes cereais, em geral, pela ordem que vão indicados.

Os trabalhos para a colheita e recolha são todos os mesmos. Em Junho começa a ceifa. Pela manhãzinha, antes do nascer do sol, grupos de alegres ceifadores saem para o campo, com as suas provisões para a primeira refeição.

Vão moirer todo o dia sob um sol abrasador e regressam só à noite quando o Astro-Rei, cansado, se deixa vencer pelas trevas.

Vêm-se então os campos juncados de *pernadas*, reunidas em *manujas* ou *manadas* — rellião da tantas *pernadas* quantas cabem numa mão — ou já está em *gavelas* (cinco *manujas*), *molhos* (cinco *gavelas*) ou em *pousadas* (cinco *molhos*).

É como um campo juncado de combatentes, que horaa antea aiada os sustinha a haste da Vida.

Até qua cada proprietário tenha todas as suas terras ceifadaa, a faina continua sempre.

As *pousadas* vão-se amontoando, formando os *rilheiros*, onde ficam a dar as auns despedidas à terra qua lhes dera o sêr, até que em certa manhã começa a sua *carreja* para a eira.

Carros peçados de *pousadas*, n chiur estridentemente, acordando « los blundos ecos qua estan dormidos », lá vão *carrejando* o cereal.

São geralmente puxados por jumentos e mais raras vezes por bois. Os gaula condazem-nos quaia comundantes militares a dirijirem as suas tropas, — à frente, a uma certa distância do gado e de aguilhada ao ombro.

O carro transmontano é pesado, embora simples.

A basa é formada por uma *vara*, peça inteira que, bifurcando como um forcado, ladeia o *sobrado* e continua ainda, para terminar em duas pontas que se chamam *pichos*.

A vara é atravessada logo ao principio pela *cavilha*, am bocado do pau onde entrançam o *tinveiro* quo liga o *jugo* com a cavilha.

O *jugo* é segurado às hastes dos boia pelos *cornais*, tiras de couro que passam por cima das *metéas* — almofadas que os cornápetos trazem na cabeça.

O *sobrado* do carro minhoto é maior que o do transmontano, pois qua o desta não se estende desda onda a base bifurca, mas só um pouco adiante, deixando portanto um espaço triaangular entre éla e aquelo ponto de bifurcação.

Nesse espaço há am pau que vai de um lado ao outro da vara. É a *pombela*, onde estão espetados obliquamente dois faeroa que são os *estadulhos*. Aos lados do *sobrado* levantam-se verticalmente as *engarelas* ou os *caniços* que, como os lados dum estere, determinm a capacidade do carro. Empregam-se os *caniços*, tnpamentos da madeira, ou as *engarelas* — espécies de grades também de madeira —, conforma a natureza da carga.

As rodas são muito pesadas, pois são quasi massiças. Apenas tecm duas abertaras circulares — os *olhais* — dum e do outro lado do *meão* — diâmetro da roda com a forma dum losango de vértices cortados.

O *meão* está apertado entre duas peças de madeira — as *cambas* — que formam as partes exteriores da roda, onde estão pregadas as ferragens que as formam.

As *relhas*, dois paraa invisíveis pelas duas faces da roda, que nos lados doa *olhais* vão de uma *camba* à outra, atravessando o *meão*, teem a seu cargo a consistência da roda.

Entrando na descrição do carro transmontano perdemos o fio à narração que vínhamos fazendo.

Falávamos... da *carreja*.

Lá vão os carros com as suas vozes estridentes, que são o gnrho dos lavradores, cantando loavores no Criador pelo pão quo levam e Ele, mais um ano, fizera n terra produzir.

Em geral, depois da quasi toda a freguesia ter feito a *carreja* das suas colheitas, começa nas eiras a faina daa *malhadas* a *trilhas* — coaforme o processo qua empregam para a recolha do cereal.

Falaremos primeiro dns *malhadas*; iremos depois às *trilhas*.

As *méas* — montes de *pousadas* da forma cónica — vão sendo deditadas a baixo para formar-se o *eirado*.

Começm-se a *astrar*, isto é, a estender-se as *pousadas*, espalhando-aa, de forma a cobrirem uma certa porção da eira.

Está formado assim o *eirado*.

O lado por onde começam a *astrar* chama-se *covela*. Por éla é que principium também os malhadores a san faina.

Dispostos em duas filas, *vis-à-vis*, malhando alternadamente com *pancadas* certas, vão andando de maneira a baterem todo o *eirado*.

Dão a primeira *volta* e em seguida as mulheres viram as *pernadas* para ser melhor malhado o cereal que ficou por laixo.

Começam os malhadores depois a segunda volta e, como da primeira vez, pela *covela*.

A medida que vão andando, as mulheres começam pelos stios já malhados segunda vez, a retirar o *colmo*, que é a palha que fica mais inteira e vai servir para encher os colchões.

Dá-se vinho aos malhadores quando, na primeira *volta*, chegam ao meio do *eirado* a depois de terem batido segunda vez a *covela*.

Dada a última batida ao *eirado*, os malhadores retiram dête a palha malhada, que chamam *balga*, juntando-a em montões qua levam de roldão para uma extremidade da eira onde as mulheres, cafeixando-a, formam as *fuxas*.

Entretanto os homens no eirado vão rellindo o *ecanho* — isto é, a palha que ainda ficou.

É o *acanhoar*. Feitas as *fuxas*, ns mulheres voltam ao *eirado* com *baleas* — pequenas vassouras — para *balear* as espigas, vazias da grão.

Depois do *acanhoar* e *balear*, forma-se o segundo *eirado* sôbra o cereal que resultou do primeiro.

Malhados tantos eirados quantos der uma *méda*, depois dos últimos *acanhoar* a *balear*, é juato então, num pequeno monte, o cereal resultante, ainda, todavia, mistarado com muita palha miada. É a *moinha* que será separada do grão pela *limpa*, a que se procede em seguida.

Entra então na lida mais am trabalhador — o veato. Procura-se ver de que lado éle sopra e, contrário a éle, colocam-se então os *colmeiros* — levantam ao ar o cereal e a *moinha*. O veato leva nas suas *nsas* a *moinha* e o grão cai lazente e vitorioso sôbro o monte que está sendo padejado.

É o *Desengano* varrendo a Quimera, para mostrar a nudez forta da Realidade!

Na *limpa* também as mulheres tomam parte *baleando*, ao mesmo tempo que os homena trabalham, as espigas vazias que estayam entre o cereal.

No fim desta operação, tem-se o grão limpo a um lado e a *moinha* a outro.

Só falln medir, casacar e transportar aquele para o celeiro.

Quanto à *moinha* vai para os *patheiros* ou *curraladas*, transportadn em carros onde as *engarelas* foram substituídas por *caniços* para que a palha sa não derrame.

Os homens servem-se de pás a *vendas* — instrumentos interessntes, com a configuração de colheres, mas com a parte côncava substituída por dois planos oblíquoa entro si — para atirarem a *moinha* para dentro dos carros.

E eis toda a odisseia do pobre cereal, desde que é colhido até que vai para o celeiro, onde fica à espera que o vão buscar para torná-lo farinha.

O cereal pode ser *trilhado* ou *malhado*, como dissemos. A maior parte dos trabalhos da *trilha* são semelhantes aos da *malhada*. As diferenças que existem entre um e o outro processo de debulha, são que na *trilha* o *eirado* é disposto em círculo e o trabalho dos malhadores é feito por *trilhos* que, puxados por animais, trituram a palha a debulham, portanto, as espigas.

Dos eirados *trilhados* não é possível tirar-se o *colmo*, pois que a palha fien muito prtida.

A palha *balga* também não se pode obter com a *trilha*. Toda ola fica muito tritarada. O seu transporte é depois feito em carros com *caniços*.

A seu tempo descreveremos outros costumes de Trás-os-Montes.

GUARANY.

: NOS PRÓXIMOS NÚMEROS :

“O ALGARVE — DE VILA REAL AO PROMONTÓRIO DE SAGRES”

Notas de reportagem e crítica por MATEUS MORENO

NOTAS SUBSIDIÁRIAS

para uma

Bibliografia portuguesa da Grande Guerra

pelo Tenente JOSÉ BRANDÃO

1.^a PARTE. — OBRAS ORIGINAIS PORTUGUESAS. — TÍTULO I. — LIVROS (PROSA)

(CONTINUAÇÃO)

- 110 **Ornelas** (Aires de ... e Vasconcelos) — "Um ano de Guerra (Agosto de 1914 a Agosto de 1915)" — 285 p., il., (0,094×0,143), Tip. da Empresa Literária, Porto, 1916, edição da Livr. Magalhães & Moniz, Porto.
- 111 **Idem** — "Segundo ano de Guerra (Agosto de 1915 a Agosto de 1916)" — 303 p., il., c. il. com uma vinheta, (0,094×0,143), Tip. da Empresa Literária, Porto, 1918, edição da Livr. Magalhães & Moniz, Porto.
- 112 **Idem** — "O Império Colonial Português perante a Guerra Actual" — folh. 27 pág. (0,097×0,157), Tip. do Anuário Comercial, Lisboa, 1917. (Conferência pronunciada na Liga Naval Portuguesa em 26 de Novembro de 1917).
- 113 **Osório** (Ana de Castro) — "Em tempo de guerra. Aos soldados e às mulheres do meu país" — 142 p. (0,085×0,150), Ventura & C.^a, Lisboa, 1918. Tem 2.^a edição.
- 114 **Idem** — "De como Portugal foi chamado à guerra. História para crianças" — 99 p. e 1 s. n. (0,084×0,158), s. l., Lisboa, 1918. Edição da biblioteca "Para as crianças". Tem 2.^a edição, 1919.
- 115 **Idem** — "A acção da mulher na guerra actual" — folh. 12 p. (0,110×0,172) Impr. Comercial, Lisboa, 1915. Edição da "Associação de Propagandas Feministas". (Conferência realizada na "Academia de Estudos Livres").
- 116 **Osório** (Paulo) — "Através do Livro Branco. Uma página de História Contemporânea" — 190 p. (0,120×0,180), Companhia Portuguesa Editora, Porto, 1920.
- 117 **Idem** — "Quando estávamos em guerra. O que se desconhece ainda sobre os soldados portugueses em França" — 180 p. il. 2 c. il., com fotografias das nossas tropas em França (0,081×0,131), Impr. Moderna, Porto, 1920. Edição da Livr. Chardron de Lelo & Irmão, Porto. (Conferências e artigos publicados em jornais estrangeiros por Paul Adam, Philéas Lebesgue, Henri Lavidan, Henry Paté, J. H. Rosny Ainé, Ernest Laut, Albert Besnard, Jean Finot, Georges Benaimé, Maurice Muret Cap. Albert Hans, Marius Leblond e Paul Ginisty).
- 118 **"Padrões da Grande Guerra"** — folh. 18 p. (0,090×0,182), Tip. Fernandes, Lisboa, 1922. Com prefácio do Autor. (Conferência realizada no salão de festas do jornal "O Primeiro de Janeiro", no Porto, em 18 de Janeiro de 1922, pelo Tenente-coronel do Corpo de Estado Maior Henrique Sátiro Pires Monteiro).
- 119 **"Palavras claras.** Razões da intervenção militar de Portugal na Guerra Europeia. Relatório publicado no "Diário do Governo", n.º 9, 1.^a série, de 17 de Janeiro de 1917" — folh. 27 p., e 1 s. n. (0,220×0,115), Imprensa Nacional, Lisboa, 1917.
- 120 **Pereira** (Emídio) — "Explicações necessárias. O caso da venda simulada dos barcos alemães" — fol. 19 p. (0,095×0,158), Centro Tipogr. Colonial, Lisboa, 1920.
- 121 **Pereira da Silva** (Manuel) — (Major de Infantaria) — "A preparação para a guerra. Educação, instrução e disciplina" — folh. 20 p. (0,015×0,021), Penafiel, 1915. (Conferência feita no Regimento de Infantaria 32).
- 122 **Perfeito de Magalhães** (Fernando ... Villas Boas) — "O Sr. Wilson e os seus sete presentes. História de quatro anos, em quatro minutos" — Album de 19 p. s. n., il. e c. il. por Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro (0,130×0,176), Companhia Portuguesa Editora, Porto, 1921.
- 123 **Pimenta** (Alfredo) — "O problema da Guerra. Comentários" — folh. 30 p. (0,095×0,162), Tip. Lusitânia, Porto, 1916. Edição do Autor.
- 124 **Pimenta** (Eduardo Augusto Pereira) — (Coronel-Médico, Sub-Chefe dos Serviços de Saúde do C. E. P.) — "A ferro e fogo. Na Grande Guerra. 1917-1918" — 132 p., il. (0,081×0,113), Renascença Portuguesa, Porto, 1919.
- 125 **Pina de Moraes** (João) — (Tenente de Infantaria, do Bat. de Inf.^a 13 do C. E. P.) — "Ao parapeito" — 146 p., c. il. (0,071×0,135), Renascença Portuguesa, Porto, 1919. Tem 2.^a edição, 152 p., Outubro de 1919.
- 126 **Idem** — "O Soldado Saúde. Na Grande Guerra" — 157 p., c. il. por João Queirós (0,080×0,150), Tip. do Almanaque Laemmer, Rio de Janeiro, 1919. Edição da Renascença Portuguesa, Porto, 1919.
- 127 **Pinto** (Fernando de Oliveira) — (1.^o Tenente de Marinha) — "Batalhão de Marinha expedicionário a Angola (1914-1915)" — folh. 66 p., il. com uma carta (0,16×0,23), Lisboa, 1918. (Descreve a acção do Batalhão na campanha do Sul de Angola.

(Continua)

JOSÉ BRANDÃO.



AS BANCAS-SAGRES (ALGARVE)

POR SAMORA BARROS

· LUZ E CÔR ·

(D'OS "PESCADORES" DE RAUL BRANDÃO)

O mar às vezes parece um véu diáfano, outras pó verde. Às vezes é dum azul transparente, outras cobalto. Ou não tem consistência e é céu, ou é confusão e cólera. De manhã desvanece-se, de tarde sonha. E há dias de nevoeiro em que êle é extraordinário, quando a névoa espessa pouco e pouco se adelgaça, e surge atrás da última cortina vaporosa, todo verde, dum verde que apetece respirar. Diferentes verdes bóiam na água, esbranquiçados, transparentes, escuros, quasi negros, misturados com restos de onda que se desfaz e redomoínha até ao longe. E ainda outros azulados, com a côr das podridões. Tudo isto graduado e dependendo do céu, da hora e das marés. Há momentos em que me julgo metido dentro duma esmeralda, e, depois, numa jóia esplêndida, dum azul único que se incendia. Mas a luz morre, e a luz agonizando exala-se como um perfume. E' uma grande flor que desfalece. O doirado não é simplesmente doirado, nem o verde simplesmente verde: possuem uma alma delicada e extática.



O RELÓGIO E O JACQUEMART DE DIJON

DIJON, antiga capital de Burgonha, no departamento da Costa de Ouro, a 315 quilómetros de Paris, é não só uma cidade importante pelas suas gloriosas tradições e por ter sido o berço das mais eminentes figuras das artes, das letras, da ciência e da política francesas, mas também pelo alto valor do seu comércio, indústrias e belos monumentos, aos quais lisongeiramente se refere Vitor Hugo nas suas notas de viagem pela França e Bélgica.

De um dos monumentos talvez mais antigos, e inegavelmente dos mais curiosos de Dijon, se ocupa hoje o nosso illustre correspondente.

Eis a tradução da sua carta:

REINA muita incerteza e obscuridade acerca da origem de Jacquemart. Tudo o que se sabe foi transmitido por Froissart, cronista francês, nascido em Valenciennes (1338-1400). Foi depois da batalha de Rosebecque — comuna da Bélgica, na Flandres Oriental, junto do Swalm e onde Carlos VI derrotou os Flamengos comandados por Filipe de Artevelde — que Filipe-o-Audaz, duque de Burgonha, o levou da cidade de Courtrai (onde ele estava primitivamente) para punir os habitantes de haverem recusado a restituição a Carlos VI das esporas douradas dos cavaleiros franceses mortos sob os seus muros, em 1312.

«O duque de Burgonha, diz Froissart, mandou construir um relógio (que dava horas), o qual era um dos mais belos que se finha visto, tanto no lado de cá como no de lá do mar, e este relógio, juntamente com um sino, foi metido sobre um carro. O qual relógio foi trazido e passeado sobre o carro na cidade de Dijon, em Burgonha, onde foi colocado e assente, e aí dá as horas, 24 entre dia e noite.» Afóra estas, nenhuma outra indicações sobre o Jacquemart e a sua família. E se forçado a acreditar que ele existia já no século XIV, opinião que, aliás, se encontra fortificada do motivo de muitas igrejas da Alemanha possuírem já Jacquemarts em 1400.

Quanto à etimologia da palavra «Jacquemart», não chegam os arqueólogos a um acôrdo. Uns fazem vi-lo do relojoeiro Jacques Marck, inventor deste mecanismo e que, por corrupção, se transformara em Jacquemart. Outros, e estes são o maior número, pretendem que Jacquemart vem das palavras «Jaque» e «maille», Jaque de maille, uniforme de guerra e que em latim se exprime por «Jacomarchius».

Era hábito, com effeito, na idade-média, colocar no cimo das tórres dos monumentos públicos, homens encarregados de velar pela segurança dos habitantes, advertindo da aproximação do inimigo, dos incêndios, dos roubos e dos assassinatos, que se cometiam muito frequentemente no interior das cidades. Tornadas inúteis estas medidas pelo estabelecimento da policia, ter-se-ia guardado a recordação desses hábitos, fabricando homens de ferro que serviam para dar as horas.

Não devemos esquecer ainda a opinião do erudito dijônês, M. H. Chabeuf, que crê ver em «Jacquemart» um diminutivo de «Jacques Martel» ou «Mar-teau», simplesmente.

Em diversas épocas, e sobretudo no século XV, o monumento deste género que encima a igreja «Notre-Dame de Dijon» tem sofrido muitas alterações e não apresenta actualmente mais do que alguns traços da sua feição primitiva. O pefizinho que se vê no meio é moderno, a julgar por uma passagem dum pequenino poema burgonhês, onde o autor procura explicar como: «*Jaiquemart et sai bonne fan ne n'on poin d'hanai (enfant) po frapiai dessu lai dindelle (petite cloche).*»

Num outro poema do fim do século XVI, intitulado «Mairiaige de Jaiquemart», attribuido a Changenet, famoso vinhateiro de Dijon, encontram-se estes versos:

Jaiquemart de ran ne s'étonne,
Le froi de l'ivar, de l'automne,
Le chau de l'été, du printan
Ne l'on su rendre maucantar.
Qu'ai pleuve, qu'ai noge, qu'ai grole,
Et l'ai sai fête dans sai caule,
Et lé deu pié dans sé soulai:
Ai ne veu pa sófi de lai.

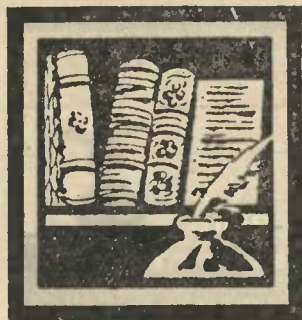
Cuja tradução francesa é:

Jacquemart de rien ne s'étonne,
Le froid de l'hiver, de l'automne,
Le chaud de l'été, du printemps,
N'ont pu le rendre mécontent.
Qu'il pleuve, qu'il neige, qu'il grêle,
Il a sa tête dans son bonnet,
Et les deux pieds dans ses souliers,
Il ne veut pas sortir de là.



O «Jacquemart», de Dijon, na igreja de «Notre-Dame».

JEAN DE FRANCIA.



CRÓNICA DOS LIVROS



Leonel, por Leonel. Ed. Portugália, Lisboa, 1924.—Se tivesse a imaginação de fogo do autor deste livro, começaria esta crítica dizendo que a poesia é um Templo misterioso onde os sacerdotes — os poetas — entoam hinos de amor, cantos de saudade ou gritos de desespero. Quasi sempre os que melhor cantam são os que mais encantam. E' o que sucede com Leonel.

O seu livro, cheio de originalidade, tem concepção filosófica, equilibrada architectura de ideias, tem um plano arrojado, e tem um enredo arrancado duma alma sonhadora — que sabe o que sonha.

Desde a primeira à última página passeia senhoril a Imaginação. E' com ela que o poeta ou poetisa embala os seus personagens, perfumando-lhes a existência com sonhos dourados, fazendo-lhes nascer esperanças ou acordando-lhes desesperos. E' com essa obreira da poesia que Leonel talha a sua Arte, não a deixando tombar numa insípida fotografia da realidade.

Há neste livro imagens nobres e sugestivas, pensamentos elevados, contrastes e trocadilhos que prendem, versos fáceis, espontâneos, sonoros e harmoniosos.

Para que o leitor aprecie comigo a beleza de certas imagens, transcreverei aqui alguns versos :

Val-se ondulando o mar de largo estremecer...
E nesse mar da Vida, os risos são a espuma,
E o sofrimento são as ondas a descer
E a subir no temporal uma por uma.

E estes :

Eu sinto o meu desejo a rebrilhar ao sol!
Que o desalento fuja e se afaste a tristeza...
Todo o meu coração é como um girassol,
A aquecer-se do luz, de força e de beleza!...

E ainda :

Vamos subindo sempre. E já subimos mais...
...Do que as estrelas deste céu do nosso amor!...

Leonel lembra nalguns versos o divino Antero :

Se tu és a Ilusão...
Eu sou o Insatisfeito, o Artista, o Sonhador...

Mas como não existe obra alguma onde o crítico não descubra deficiências, eu também vou apontar, — ainda que um pouco forçadamente — algumas.

Assim, noto que nem sempre as imagens são de grande rigor de propriedade; às vezes parecem dizer pouco. Também com boa vontade posso descobrir versos duros, pouco harmoniosos.

A estes defeitozinhos podemos acrescentar ainda certas desigualdades de estilo e um pouco de nebulosidade. Mas o valor do livro não chega a sossobrar nêles; e apraz-me afirmar que Leonel veio revelar um formoso talento que nos há-de dar sempre obras maravilhosas.

JOSÉ GUERREIRO MURTA.

Contos e lendas da nossa Terra (Para crianças), por Maria da Luz Sobral — com uma nota crítica do D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, com ilustrações de D. Alice Rei Colaço. — Emp. Ind. Gráfica do Porto, L.^a. Porto, 1924.

Os livros bons para crianças são em todos os países muito raros. Conhecer bem os trechos de que as crianças gostam, constitue ainda um segredo da Pedagogia. Em todo o caso pode afirmar-se de um modo geral que as crianças

não se prendem com descrições minuciosas de paisagens, com frases artísticas e delicadas. Elas preferem encontrar nas suas leituras coisas muito pequeninas ou séres gigantes que não venham pormenorizadamente descritos e que sejam de linguagem rápida. Elas encantam-se com poesias simples e graciosas, com epítetos sóbrios e fortes, onde adeje também a fantasia. As sensações delicadas não as fazem vibrar. As frases e as palavras bonitas e a cadência dum verso nobre exigem uma finura artística e uma sensibilidade apurada. Por estas razões os contos — mas os contos simples, sérios, com graça, sem pormenores grosseiros e de mau gosto — são as composições que mais as encantam. Eles encham a alma infantil de sã alegria — e a alegria é um tónico intelectual. Tem assim grande valor educativo.

Kant excluiu os contos da educação; mas Sully escreveu: «L'enfant qui au logis se sera ló plus amusé à écouter des histoires, sera, toutes choses égales d'ailleurs un meilleur écolier.»

Os contos mesmo sem pretensão moral, são muito proveitosos para a imaginação, faculdade que embeleza a Vida, que inspira a Poesia e talha a Arte. Eles ensinam a fixar a atenção e preparam o espirito das crianças para os seus estudos futuros.

Pensando assim acerca destas composições literárias, o livro da Ex.^{ma} Senhora D. Maria da Luz Sobral não podia deixar de cair-me nas mãos com agrado. Devorei-o com os olhos e com a intelligência. A senhora D. Maria da Luz foi muito feliz no seu trabalho. Na verdade os seus contos tem todas as boas qualidades daquele género. A illustre autora foi a história o a tradição e de lá tirou alguns assuntos. Ora a história dá às crianças belos ensinamentos. Os antigos podem modificar o espirito dos novos.

Mas a história também aborrece; e a senhora D. Maria da Luz foi aos animalzinhos domésticos (galinhas, pintos, coelhinhos, ratinhos) e fez uma bela colheita. Foi assim a realidade. E a realidade, os exemplos vivos, são ainda o melhor meio de educar docemente as almas infantis.

Em todos os seus contos há graça, mimo e ingenuidade. A linguagem é admiravelmente feita para cérebros pueris — espontânea, viva, pitoresca e dialogada. Ao lê-los temos a sensação de que os ouvimos contar, tal a Arte com que a autora os traça. O seu livro só merece, pois, os nossos aplausos e as nossas felicitações.

Para embelezamento dos «Contos» concorrem muito as illustrações de D. Alice Rei Colaço. Elas hão-de constituir sem dúvida um engodo para a *petizada*.

JOSÉ GUERREIRO MURTA.

Publicações de turismo

Guia de Santarém, por José Osório. — Santarém.

Neste interessante volume, útil sob todos os pontos de vista, tem a histórica cidade ribatejana um lugar de digno relevo.

O livro é illustrado com bastantes gravuras e, em palavras tocadas do profundo carinho pela sua terra adoptiva, descreve-nos o autor as belezas citadinas, invocando, com muito a-propósito e erudição, os principais factos históricos que se vão relacionando com os lugares descritos.

E' por isso este livro de grande vantagem não só para o turista, mas também para quantos pretendam bem conhecer o valor histórico e actual da velha *Scalabis*, e o pitoresco dos seus subúrbios, não menos históricos.

M. SILVA.

Outras publicações recebidas

Guerra Junqueiro — como elle escrevia, curiosa *plquette* de 30 pags., por Tomás da Fonseca. Ed. da «Coimbra Editora, Lim.» — Coimbra, 1924.

O Poeta do Amor. — Conferência de D. Emilia de Sousa Costa — Tipografia «Minerva» — Farnalhão, 1924.

E' uma erudita e linda peça oratória sobre o immortal poeta do *Campo das Flores*, que bastante realça as qualidades literárias de D. Emilia de Sousa Costa.

O dr. Aurélio da Costa Ferreira. — **O Homem e o Artista**, por Saavedra Machado. Separata do «Arquivo de Anatomia e Antropologia». — Vol. VIII — 1923.

A Bôca da Esfinge, novela de Eduardo Frias e Ferreira de Castro. Vol. de 173 pags. Cap. de Bernardo Marques. Ed. das Livrarias Ailland e Bertrand. — Lisboa, 1924.

Epicurismos — por Fidelino de Figueiredo, vol. de 286 páginas. Ed. da Emp. Lit. Fluminense L.^a, — Lisboa, 1924.

A Pedra do Escândalo — por António Cabreiro. Folheto de intensa critica. Ed. do A. — Lisboa, 1924.

Laqueação da artéria lingual e Anatomia da região supra-língual — por Alvaro Colaço (Assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa). Tese inaugural. — Lisboa, 1922.

Rafael Bordalo Pinheiro e a Critica, por D. Julieta Ferrão. Imp. da Univ. — Coimbra, 1924.

Periódicos

Portugal — Revista quinzenal ilustrada. Directores: Literário, Ruy Chianca; Gerente, Oliveira Guimarães. Ano II — N.º 26 — Rio de Janeiro, Brasil.

A Águia, órgão da Renascença Portuguesa — Porto. Números 23-24. Colaboração de *Pina de Morais, Carlos Parreira, A. de Magalhães Basto, Claudio Basto, Teixeira de Pascoais, Angelo César, António Carneiro* e *D. Alice Rei Colaço*.

Música — Revista de Artes. Directores, Gastão de Bettencourt e João de Campos Silva. — N.º 1. Lisboa, Julho de 1924.

Seara Nova — Revista de doutrina e critica. N.º 37. Lisboa, Julho de 1924.

Voz de Coimbra — Sem.º regionalista — Coimbra, 1924.

O Figueirense — Bi-semanario. — Figueira-da-Foz.

Correio do Sul — Bi-semanario. — Faro.

Noticias do Algarve, «Moca» — Semanario — Faro.

Noticias do Sul — Semanario — Vila Real-de-Santo António.

Fôlha de Alte — Quinzenario de Alte (Algarve).

Voz do Sul — Semanario — Silves.



A 12 de Outubro próximo realzar-se-bá em Badajós, entre as solenizações do dia da Raça, um certâmen literário hispano-português, promovido pelo *Ayuntamiento* da vizinha cidade, com um prêmio de quinhentas pesetas para a melhor poesia em português, com liberdade de metro, intitulada *Canto a Portugal na América*.

O sr. vice-cônsul de Portugal naquela cidade, ofereceu para as ditas festas um prêmio de 250 pesetas, para ser adjudicado á viúva pobre, filha de Badajós, que com o seu trabalho honrado mantinha maior número de pessoas de sna familia, a expensas suas.

Encontra-se em Lisboa o Ex.^{mo} Sr. Dr. J. M. de Bettencourt Ferreira, illustrê Encarregado de Negócios do Governo Português em Buenos Aires, cujo relatório da sua gerência no Consulado do Porto-Alegre a *Alma Nova* vai publicar brevemente.

Tem concluido o seu brilhante trabalho etnográfico sobre *Barbas Nacionais*, que propositadamente escreveu para a *Alma Nova*, o sábio etnólogo e erudito professor Dr. José Leite de Vasconcelos.

A *Alma Nova* dedicará brevemente um dos seus números á pitoresca vila de San-Brás-de-Alportel (Algarve), com colaboração exclusiva de escriptores locais oo que nessa encantadora estância hajam passado uma parte da sua vida, — como o desditoso Mário Ramos e outros.

Doverá ser brevemente acrescentada a «Coleção Ressurgimento da Biblioteca da *Alma Nova*», dum esplêndido volume de *Contos para crianças*, devidos á pena duma illustre senhora algarvia, D. Branca Lopes Martins. Do formoso livrinho, que é illustrado pelo talentoso artista sr. Roberto Nobre, daremos num dos próximos números um excerto.

AMIGOS DA "ALMA NOVA"

ASSIM consideraremos todas as pessoas que por qualquer das formas seguintes desejarem cooperar no programa da nossa revista:

1.º — *Assinando e recomendando a Alma Nova às pessoas das suas relações, e obtendo e pedindo a cada novo assinante que por sua vez consiga o maior número de assinaturas de pagamento garantido;*

2.º — *Concedendo ou angariando quaisquer subsídios para desenvolvimento geral do programa da Alma Nova, ou de qualquer das suas secções;*

3.º — *Anunciando ou fazendo anunciar na Alma Nova, invocando a larga distribuição da mesma por todo o país, ilhas e colónias, como garantia da utilidade comercial dèsses anúncios.*

Novos «Amigos» inscritos (Continuação):	Assinaturas angariadas	Subsídios — Transporte: 100\$00
72 — Benjamim Manaia	1 — Anual	—
73 — Dr. Malaquias A. Pereira da Silva	3 — Anuais	—
74 — Rebelo de Bettencourt	1 — Anual	—

Todos os «Amigos» têm o desconto de 20 % nas suas assinaturas e 10 % nas demais obras editadas pela Biblioteca da ALMA NOVA (Ed. Ressurgimento).

BIBLIOTECA DA "ALMA NOVA,"

(EDIÇÕES RESSURGIMENTO)

Pedidos à C. João do Rio, 8-1.º — Lisboa

- Sangue d'Epopeia — *A Artilharia Portuguesa na Flandres*, por MATEUS MORENO, tenente de Artilharia. 1 vol. ilust., broch., 5\$00; carton. . . 15\$00
- De Portugal à Flandres, id., broch. 1\$00
- Sinfonia Macabra — *Máximas da Kultur*, id., id. 1\$00
- Minha Pátria — *Poema em 3 livros e 3 jornadas*, id., id., 2.ª edição, broch., 3\$00; carton. . . . 7\$50
- Cantigas (2.ª edição), por REBELO DE BETTENCOURT. 1 vol. broch. 2\$50
- Odes de Anacreonte, por LUÍS CALADO NUNES . . . 2\$50
- Campanhas Camilianas, por OLDEMIRO CÉSAR e CRUZ MAGALHÃES. 1 vol. broch., com ils. de Rafael Bordalo 5\$00
- A Entrevista, por CRUZ MAGALHÃES. 1 op. ils. . . 1\$50
- O Inverosímil — *Conferência Proibida, original do insigne escritor e moralista LORDE PECHINCHA DE NADVALE* (CRUZ MAGALHÃES). 2\$00
- A Educação Moral — *Pelos exercícios de redacção*, (com a metodologia deste ensino), por JOSÉ GUERREIRO MURTA 4\$00
- Da Verdade, por JOÃO JOSÉ GOMES 3\$50
- O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo, por SAAVEDRA MACHADO; edição de luxo, formato grande e profusamente ilustrada (a entrar no prelo).
- Eça de Queirós — «Revelado por uma ilustre senhora de sua família» (D. C. D'ÊÇA DE MELO), edição ilustrada 3\$00

CAMPANHAS
CAMILIANAS

— POR —

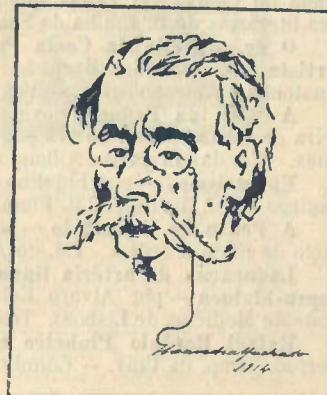
OLDEMIRO CÉSAR

— E —

CRUZ MAGALHÃES

(Com ilust. de Rafael Bordalo)

Vol., broch.: 5\$00

(Nas remessas pelo correio
mais \$50)

Camilo Castelo Branco

Livraria Sá da Costa

Poço Novo, 24

2, Travessa do Convento de Jesus, 6
LISBOA

Telef. C. 3841.

Livros de estudo e em todos os géneros
Depositária das edições da "ALMA NOVA"

MÚSICA

REVISTA DE ARTES

DIRECTORES

GASTÃO DE BETTENCOURT

JOÃO DE CAMPOS SILVA

....

SÉDE PROVISÓRIA

RUA DA LUTA, 20-2.º

..... LISBOA

GRANDE HOTEL AVENIDA
: VIZELA :

GERENTE: João Leite Pacheco de Magalhães

Belos aposentos e esmerado serviço de mesa.
Luz e campainhas eléctricas. Excelente garage com cabines.

Preços sem competência.

ABERTO TODO O ANO

INSTITUTO NACIONAL
DE ENSINO POR CORRESPONDÊNCIA

L. TRINDADE COELHO, 6

— LISBOA —

Cursos de Escritação por partidas simples e dobra-
das, Contabilidade, correspondência
: comercial e prática de comércio :A duração dos cursos depende do tempo que o aluno
puder dispensar ao estudo, sendo possível fazer qualquer
deles em 3 meses, ou em menos tempo.Não é necessário sair de casa nem prejudicar as ocupa-
ções habituais. Resultados superiores aos que se obtem
geralmente no ensino em classe. Matrícula em qualquer dia
do ano. Diplôma no fim dos cursos.O I. N. de E. por Corresp., fundado em Janeiro de
1919, tem alunos em todo o continente, ilhas, colónias, Bra-
sil, E. U. da América e outros países.Peçam os prospectos que são fornecidos
gratuitamente com todos os esclarecimentos
para a matrículaTRABALHOS TIPOGRÁFICOS
DESENHO — CÓPIA DE MÚSICAS
TRADUÇÕES E GRAVURAS

■ EXECUTAM-SE ■

COM RAPIDEZ, PERFEIÇÃO E ECONOMIA
"NA EMPRESA "RESSURGIMENTO"

: : : : EDITORA DA "ALMA NOVA" : : : :

A "ALMA NOVA," INTERESSA A TODOS OS PORTUGUESES.
TODOS OS VERDADEIROS PATRIOTAS DEVEM AUXILIÁ-LA